

¡SOY CHE! ¿Y VOS? - A IDENTIDADE RIOPLATENSE POR MEIO DO CONTEXTO HISTÓRICO ARGENTINO.

COSTA, Gustavo¹

RESUMO: A identidade de um povo pode ser reconhecida por meio de diferentes aspectos, ora através dos dialetos ou idioma de uma nação, ora pela cultura por intermédio da música, dança, comida, raças. Este artigo apresenta um estudo sobre a identidade *rioplatense* demonstrado mediante fatos históricos e culturais presentes na vida dos cidadãos da região do “Rio de La Plata”, principalmente os de Buenos Aires. O espanhol falado na capital argentina é diferenciado das demais regiões do país, sendo peculiar, proporcionando uma personalidade única aos “*porteños*”, tanto na fala quanto na escrita, esta última procedente do lunfardo. O espanhol “rioplatense” foi se estabelecendo no decorrer da história pela influência do tango, com intérpretes tais como Carlos Gardel e Edmundo Rivero, sendo o lunfardo incorporado ao espanhol “rioplatense” através da literatura presente em obras de grandes autores argentinos como Jorge Luis Borges e Roberto Arlt.

Palavras-chave: Identidade; Espanhol Rio-Platense, Cultura.

ABSTRACT: The identity of a society can be recognized through different aspects, sometimes through the dialect or language of a nation, or through the culture through music, dance, food, races. This article presents a study on the “Rio de la Plata” identity shown by historical and cultural facts present in the lives of the citizens of the “Rio de La Plata” region, especially in Buenos Aires. The Spanish spoken in the Argentine capital is differentiated from other regions of the country, being quirky, providing a unique character to the *Porteños*, both in speech and in writing, the latter coming from Lunfardo. The Spanish spoken in the “Rio de la Plata” was being established throughout history by the influence of tango, with performers such as Carlos Gardel and Edmundo Rivero, and the Lunfardo incorporated into the *Rioplatense* Spanish through the literature presented on books by great Argentine authors such as Jorge Luis Borges and Roberto Arlt.

Keywords: Identity; *Rioplatense* Spanish, Culture.

1. INTRODUÇÃO

*Las tardecitas de Buenos Aires tienen ese qué sé yo, ¿viste? / Salís de tu casa por Arenales./ Lo de siempre: en la calle y en vos... / Cuando de repente, detrás de un árbol, Me aparezco yo.*² (Balada para un loco, 1969)

¹ Mestrado em Estudos Hispânicos pela Stephen F. Austin State University - 2013- 2015. - Graduate Student (Instrutor de Língua Portuguesa - Graduação) - Nacogdoches - TX – E.U. A - Email: gustavoitajubá@gmail.com

² Disponível em: <<https://letrasdetango.wordpress.com/2011/09/11/1079/>>. Acesso em: 10 março 2015

“¡Che³! ¿Cómo andás?”. Uma das palavras mais marcantes do espanhol *rioplatense* é “Che”, sendo este um vocábulo que de acordo com a RAE (Real Academia Española), é utilizado pelos “porteños” e em toda a região do Rio de La Plata para chamar ou pedir a atenção de alguém, ou mesmo para demonstrar assombro ou surpresa. Ao se ter contato com o espanhol “rioplatense” percebe-se o diferencial que este apresenta em relação ao espanhol falado em outros países latino-americanos e até mesmo em outras regiões da Argentina. Apresenta-se neste artigo explicações do porquê desta particularização na região “rioplatense”, sendo atrativo principalmente para aqueles que se interessam pelo tango e pela literatura argentina e por aqueles que desejam ter conhecimentos sobre os aspectos históricos desta região relacionados também à imigração europeia e aos aspectos culturais que tornam esta localidade reconhecida em todo o mundo, ora pela individualidade linguística ora pelos aspectos culturais presentes nesta região sul americana.

Neste estudo geral, opta-se por expor características linguísticas do espanhol “rioplatense”, diferenciando-o das demais regiões da Argentina e Uruguai. De acordo com Weinberg “*El habla bonaerense constituye una variedad del español con una fuerte personalidad, que permite distinguirla con facilidad de los usos de las otras grandes capitales hispánicas*” (2000, p. 37). Em seguida, serão demonstradas características identitárias dos *porteños* (nascidos em Buenos Aires), por meio da literatura argentina de Roberto Arlt e Jorge Luís Borges e do tango de Carlos Gardel e Astor Piazzolla, estando o lunfardo presente nas obras literárias e nas letras desses tangos. O objetivo deste estudo é apresentar a identidade “rioplatense” através de artigos científicos já publicados, reunidos para compor este texto, além de perspectivas teóricas relacionadas à identidade cultural.

2. A EXPRESSÃO LINGUÍSTICA CARACTERÍSTICA DA REGIÃO DO “RIO DE LA PLATA” E O LUNFARDO COMO COMPONENTE DA LÍNGUA

Há perspectivas distintas daqueles que entram em contato com falantes “rioplatenses”. Os não nativos já falantes da Língua Espanhola e mesmo os nativos de outros países de fala hispânica percebem o sotaque diferenciado e uso de palavras incomuns do idioma, sugerindo estranheza, particularização ou até mesmo opiniões pessoais como encanto ou repulsa. Já para aqueles que nunca tiveram contato com a língua, pois não possuem ferramentas de

³ Disponível em: <<http://buscon.rae.es/drae/srv/search?val=che>> . Acesso em 10 março 2015

comparação e o primeiro contato com a língua a qual traz essa forma particular de fala e escrita torna-se seu principal contato, ora para turistas, ora para estudantes do idioma. De acordo com Weingberg

Dos son los rasgos más característicos, cuya combinación la hace única en el mundo hispánico: la existencia del yeísmo rehilado y ensordecido en palabras como yema, llena, lluvia, etc. Y la presencia de un voseo de determinadas características, extendido a todos los grupos sociales y a todos los estilos, desde los más informales a los más formales. A estos rasgos se agregan algunas peculiaridades léxicas que bien la distinguen de grande parte del mundo de habla hispana. (1999, p. 37a)

Em toda Argentina, porém sendo mais marcado na região do Rio de La Plata e em partes do Uruguai, próximo à capital, Montevidéu, se utiliza a forma “vos” em vez de “tú”, conhecido como o *voseo*, sendo as formas verbais também modificadas. Abaixo, percebem-se exemplos dessas diferenças em relação ao espanhol de outros países hispanoparlantes:

Espanhol padrão	Espanhol rioplatense
<i>¿Tú eres un estudiante?</i>	<i>¿Vos sos un estudiante?</i>
<i>¿Este libro es para ti?</i>	<i>¿Este libro es para vos?</i>
<i>¿Tú vienes para la cena?</i>	<i>¿Vos venís para la cena?</i>
<i>¡Comes muy rápido!</i>	<i>¡Comés muy rápido!</i>
<i>¡Cuentame tus secretos!</i>	<i>¡Contáme tus secretos!</i>

Nota-se o uso do “vos” em todas as situações de fala, sendo a forma “tú” ensinada nas escolas, ou seja, é de conhecimento da população desde a infância, porém culturalmente não é utilizado, sendo usado o *vos* como citado nos exemplos acima: “El ‘tú’ y sus formas verbales es perfectamente comprendido, pero es una forma ‘ajena a la comunidad’” (WEINBERG, 1999, p. 1416). Ademais, é característica e diferenciada também a forma imperativa do espanhol “*rioplatense*”, tornando-se esta variedade ainda mais particular comparando-a com o espanhol padrão. Veja os exemplos:

Espanhol rioplatense	Espanhol padrão
<i>¡Agarrá el libro!</i>	<i>¡Agarre el libro!</i>
<i>¡Vení a la universidad!</i>	<i>¡Ven a la universidad!</i>
<i>¡Hacé la tarea!</i>	<i>¡Haz la tarea!</i>

Na região *rioplatense*, a forma *vos* e suas respectivas conjugações são utilizadas normalmente nos meios de comunicação, seja no rádio, nos programas de TV, nos jornais, nos *outdoors* presentes nas ruas das grandes metrópoles como Buenos Aires e Montevideú:

“En la actualidad [...] se da un uso generalizado del voseo en relaciones de confianza, prácticamente en todos los estilos orales y escritos [...]. Este uso incluye los registros orales más cuidados, tales como los empleados en cine, radio y televisión; y en el uso en actos oficiales. Lo mismo ocurre en la lengua escrita, en la publicidad; en traducciones de obras de teatro; en traducciones de artículos de revistas donde personas extranjeras formulan declaraciones; en entrevistas periodísticas o literarias; en la reproducción periodística de diálogos que supuestamente habrían mantenido miembros del gobierno; en el empleo en la enseñanza tanto en libros de lectura de la escuela primaria, como en textos de secundaria; y aún en avisos dirigidos a la población por el propio Ministerio de Educación de la nación” (WEINBERG, 1999, p. 1407c).

Não somente este aspecto linguístico é frequente na fala e escrita da população, mas também o uso de palavras de origem lunfarda. O lunfardo, de acordo com Gobello, é um dialeto que foi criado pelos malandros ou bandidos para que pudessem se entender, dificultando assim o entendimento entre eles e a polícia ou entre eles e suas vítimas (GOBELLO, 1998, p. 159). As expressões do lunfardo não formam um novo idioma, mas, sim, apresentam frases que adquiriram significância na linguagem popular argentina e uruguaia. Essa linguagem foi trazida à região *rioplatense* pelos imigrantes europeus principalmente italianos, espanhóis e alemães que chegaram à Argentina no século XIX em busca de uma melhor condição de vida. De acordo com Berrío (2004, *apud* Mourik, 2011, p. 8), as cidades de Buenos Aires e Montevideú foram as primeiras a receberem os imigrantes europeus na América do Sul, sendo assim, presume-se que ambas deram origem ao lunfardo. Estes chegavam ao porto de Buenos Aires e muitos se instalavam nos arredores desse porto, os chamados “*arrabales*”⁴. No princípio, somente a camada da população pobre *porteña* utilizava os termos lunfardos, entretanto, os mesmos foram se espalhando na região por meio de obras literárias de escritores como Roberto Arlt e Jorge Luis Borges, e através das letras de tango como as de Carlos Gardel e Astor Piazzolla, sendo estes os mais conhecidos e respeitados. De acordo com Dellepiani, “*el lunfardo es la jerga propia del crimen porteño: ‘Carece de estas voces, datando su formación, coetánea con la del nacimiento de la criminalidad profesional, de una fecha relativamente cercana’*” (1984, p. 31). Os italianismos são os termos mais ressaltantes do lunfardo, entretanto, há também empréstimos

⁴ Os *arrabales* se referem aos bairros que receberam os imigrantes da cidade de Buenos Aires e Montevideú onde vivia uma população carente e delinquente da época.

do galego-português, sendo alguns exemplos: “*Calote*” (Roubo); “*Bacán*” (Bacana, Legal, Interessante); “*Dar bola*” (Prestar atenção); “*Otario*” (Idiota, estúpido); “*Malandro*” (Delinquente); “*Mina*” (Menina, garota); “*Zarpar*” (Ir embora, sair); “*Milico*” (Militar); “*Gagá*” (Termo depreciativo para idosos); “*Fulero*” (Algo de má qualidade); “*Cimarrón*” (Chimarrão); “*Lobizón*” (Lobisomem).

O aspecto fonético é também diferenciado na região “*rioplatense*”. O lunfardo trouxe consigo o “*yeísmo*” *rehilante* das letras “y” e do dígrafo “ll” os quais, na fala, possuem o som de /sh/, assim palavras como “yo” se pronunciam “/sh/o” e outras como “lluvia” se pronunciam “/sh/uvia”. Essa particularidade é correntemente percebida tanto na classe social baixa quanto na alta em cidades como Buenos Aires, Montevideu, Rosário, Mar del Plata, ou seja, essa é a identidade a qual marca a cultura desse povo e pela qual se fazem conhecer e são identificados. O poeta uruguaio Victor Pérez Petit fez sua definição do lunfardo: “*lenguaje propio de los barrios marineros, de los truhanes y ladrones, de los mocitos babosos y de las mujeres desvergonzadas; no de un país y una gente que se precian de civilizadas y cultoras de belleza*” (MOURIK, 2011, p. 17a). Já o escritor Avelino Herrero Mayor sobre o lunfardo citou: “*jerga absuda, incomprensible, carente de gracia y de expresividad, usada por los delincuentes*” (2011, p. 17b). Logo, percebe-se que este dialeto não foi bem aceito por todos, sendo que certas personalidades da época não estavam de acordo com a expansão e uso do lunfardo no cotidiano “*rioplatense*”, enquanto outros, como o poeta argentino José Gobello, sobre o lunfardo, afirmava que: “*el único modo para expresar la angustia más entrañable y para expresar la protesta vehemente de los rioplatenses*” (2011, p. 18). Oficialmente, de acordo com a RAE (Real Academia Española), o lunfardo é

...un habla que originalmente empleaba, en la ciudad de Buenos Aires y sus alrededores, la gente de la clase baja. Parte de sus vocablos y locuciones se introdujeron en la lengua popular y se difundieron en el español de la Argentina y del Uruguay (2003)⁵.

Assim, essa “*gíria portenha*” ou “*linguajar*” apesar de ter sido criticada por muitas personalidades argentinas e uruguaias na primeira década do século XX, não se pode deixar de lado sua importância e junção ao idioma espanhol na região. Em seguida, se introduzirá uma análise sobre o tango *porteño* e as características lunfardas encontradas em suas letras.

⁵ Disponível em: <<http://buscon.rae.es/drae/srv/search?id=NBgKQKdJkDXX2y8jkW3b?>> Acesso em: 10 março 2015

3. AS LETRAS DE TANGO LUNFARDO COMO IDENTIDADE ARTÍSTICA PORTEÑA

*Mi Buenos Aires querido, / cuando yo te vuelva a ver, / no habrá más penas ni olvido [...] oigo la queja de un bandoneón, / dentro del pecho pide rienda el corazón. / Mi Buenos Aires, tierra florida [...] se van las penas del corazón. / Las ventanitas de mis calles de arrabal / donde sonrío una muchachita en flor [...]*⁶. (*Mi Buenos Aires querido*, 1934)

O tango, assim como o lunfardo, surgiu com a chegada dos imigrantes europeus na região *rioplatense*. As letras de tango apresentam temas como a tristeza de se estar longe de sua terra natal, os problemas sociais vividos nos *arrabales*, o sexo, a rotina. O estilo musical que nasceu como uma dança era popular nas periferias de Buenos Aires e Montevideú e trazia um sentimento de nostalgia e dor, ainda que a dança em si fosse erótica, conectando-o aos prostíbulo e às pessoas de má índole. Gobello afirma: “*Los porteños somos tristes porque añoramos la patria lontana; porque somos gringos transplantados a America*” (1976, p. 93). Nestas letras estavam presentes palavras do lunfardo, palavras às quais se incorporaram ao vocabulário do dia a dia dos portenhos não só dos “*arrabales*”, mas também da elite da metrópole. Carlos Gardel foi o cantor que levou o tango às diferentes camadas sociais da época, sendo introduzido a festas, casamentos, aniversários, ainda que encontrasse certos obstáculos pela classe média da época. A través do tango, o lunfardo pôde se desapegar da criminalidade e da sociocultura dos subúrbios. Entretanto, há autores que sustentam a ideia de que o tango é originário dos negros. Gobello afirma que “*el tango no es más que una africanización de la “mazurca” y la milonga*” (SALAS, 1986, p. 24). Para Piazzolla, compositor argentino, as letras de tango eram ligadas aos imigrantes, sendo o músico de descendência italiana:

Sin embargo reconocí que el tango se iba dividiendo de a poco en dos partes: al comienzo, alrededor de 1900 el tango era más alegre, pero luego llegó Gardel y todo nos hacía llorar. Las letras hablaban del descuido de los hombres por las mujeres; los hombres se sentían felices si la mujer los abandonaba; hablaban de muerte, de la muerte de la madre o de la mujer que lo dejó por su amigo. [...] Los inmigrantes italianos, españoles y franceses que llegaron a Argentina para trabajar comenzaron a ver las cosas de esta manera, en especial los españoles e italianos. En ese entonces no había aviones para llevarlo a Argentina en 15 horas. No, iban en barcos que tardaban tres meses en llegar a Argentina, y la gente sabía que no podría regresar a Italia porque era muy caro. Necesitaban quedarse en Argentina para trabajar (1983, p. 3).

⁶ Disponível em: <<http://www.bardetango.com.br/34letrasdetango.htm>> . Acesso em: 12 março 2015

⁷ Mazorca: Disponível em: <<http://www.sinonimos.com.br/mazorca/>> . Acesso em: 13 Março 2015

Abaixo, traz-se a letra do tango “*Mano a mano*”, de Carlos Gardel, que apresenta palavras lunfárdicas as quais introduzem à língua espanhola um vocabulário próprio da região “*rioplatense*”:

*Rechiflado en mi tristeza, hoy te evoco y veo que has sido
en mi pobre vida paria sólo una buena mujer.
Tu presencia de bacana puso calor en mi nido, [...]*

*[...] Hoy sos toda una bacana, la vida te ríe y canta,
los morlacos del otario los jugás a la marchanta
como juega el gato maula con el mísero ratón.*

*Hoy tenés el mate lleno de infelices ilusiones,
te engrupieron los otarios, las amigas, el gavión;
la milonga, entre magnates, con sus locas tentaciones, [...]*

*Nada debo agradecerte, mano a mano hemos quedado;
no me importa lo que has hecho, lo que hacés ni lo que harás... [...]*

*[...] que el bacán que te acamala tenga pesos duraderos,
que te abrás de las paradas con cafishos milongueros
y que digan los muchachos: "Es una buena mujer"⁸. [...] (1918)*

Na primeira estrofe, o término “*rechiflado*” origina-se do verbo “*chiflar*” que significa transtornar-se por alguém ou por algo. Logo, apresenta-se a palavra “*bacana*” a qual se origina de “*Bacán*” sendo uma pessoa que possui muito dinheiro ou que dá a impressão de tê-lo. Na segunda estrofe têm-se a forma verbal “*sos*” que significa “você é” (terceira pessoal do singular do verbo ser), lembrando que na região *rioplatense* se diz “*vos sos*” em vez de “*tú eres*”. A palavra “*morlacos*” refere-se a uma nota de “*un peso*” já em desuso e usado no vocabulário lunfardo. A palavra “*otario*” traz o sentido de “tolo” e a expressão “*A la marchanta*” sugere o fazer algo sem responsabilidade, logo, “*maula*” proporciona o sentido de “astuto” sendo usado como um adjetivo para o substantivo “gato”. Na terceira estrofe, o “*mate*” é a bebida tradicional *rioplatense*, porém nesta letra significa “mente”; “*engrupir*” significa “enganar”, “*gavión*” traz a ideia de “namorado”, sendo também um termo já em desuso; e logo “*milonga*” se refere ao local onde pessoas se reuniam e ali dançavam tango. Na quarta estrofe, apresenta-se a expressão “*mano a mano*”, expressão esta que diz respeito a ambos os personagens do tango os quais estão “quites” (já estão livres de qualquer compromisso entre si). Na seguinte estrofe, “*acamalar*” significa “presentear com dinheiro ou

⁸ Disponível em: < http://www.terapiatanguera.com.ar/Grandes%20Tangos/mano_a_manos.htm >. Acesso em: 13 março 2015

objetos”, em seguida, “*abrir las paradas*” propõe a ideia de “deixar de ir a algum lugar”; e finalmente a palavra “*cafishos*” sendo um “gigolô”.

A identidade “rioplatense” por meio do lunfardo também é vista na letra da canção “*Milonga Lunfarda*” do cantor Edmundo Rivero. Esta traz na própria letra a explicação de suas palavras lunfardas. Abaixo se observa um trecho desta pela qual Rivero tinha como objetivo exaltar e dar a conhecer sua pátria Argentina e o estilo de vida de seu país da época utilizando o lunfardo como expressão cultural e identitária

[...] *El que roba es él que afana, el chorro un vulgar ladrón*
El zonzo llaman chabón y al vivo le baten rana
La gaita o el viento es el dinero que circula
El cuento es meter la mula, y al vesre por al revés⁹ [...]

A seguir, a literatura será observada com o objetivo de conectar o lunfardo ao estilo de vida “*porteño*”, mostrando assim a linguagem popular da região, introduzindo os *gauchos* como parte desta literatura, os imigrantes e também o cenário urbano de Buenos Aires como parte desta identidade cultural “*rioplatense*”.

4. A EXPRESSÃO CULTURAL RIOPLATENSE ATRAVÉS DA LITERATURA DE BORGES E ARLT

No final do século XIX, os imigrantes na Argentina começaram a se integrar aos diferentes círculos sociais da grande metrópole, sendo as igrejas, as forças armadas e a sociedade rural exemplos desta conexão. Pelo fato desta imigração ter sido muito abrangente, sendo estes de diferentes países europeus, os sotaques estrangeiros dominavam as localidades onde estes imigrantes trabalhavam, tendo-se o italiano e o espanhol da Espanha como os mais representativos. Logo, na metrópole houve a mescla de todos estes imigrantes que provinham de diferentes localidades da Europa além dos “*gauchos*” que chegavam à grande cidade em busca de uma melhor qualidade de vida. O cenário urbano de Buenos Aires é apresentado pelo escritor Roberto Arlt em suas obras. Constata-se essa exposição da capital argentina em sua obra *Aguafuertes Porteñas*

Caída entre los grandes edificios cúbicos, con panoramas de pollos “a lo spiedo” y sales doradas, y puestos de cocaína y vestibulos de teatros, qué maravillosamente atorranta es por la noche de la calle Corrientes! [...] La calle vagabunda enciende a las siete de la tarde todos sus letreros luminosos [...] Bajo estas luces fantasmagóricas, mujeres estilizadas como las que

⁹ Disponível em: <<http://www.letrasdemusicas.fm/edmundorivero/milonga-lunfarda#que-a-esta-milonga-lunfarda-me-la-musiquen-de-grupo>> Acesso em: 14 março 2015

dibuja Sírio, pasan encendiendo un volcán de deseos en los vagos de cuellos duros que se oxídan en las mesas de los cafés saturados de jazz-band. Vigilantes, canillitas, “flocas” actrices, porteros de teatros, mensajeros, revendedores, secretárias de compañías, cómicos, poetas, ladrones, hombres de negócios innombrables, autores, vagabundos, críticos teatrales, damas del medio mundo, una humanidad única, cosmopolita y extraña se da la mano en este desaguadero de la belleza y la alegría [...] Y libros, mujeres, bombones y cocaína, y cigarrillos verdosos, y asesinos incógnitos, todos confraternizan en la estilización que modula una luz supereléctrica. (1981, pp. 147-148).

A paisagem urbana era caótica, sempre em movimento. Arlt conhecia cada parte desta metrópole, frequentava os “*arrabales*”, os prostíbulos, tinha conhecimento sobre a vida nas ruas e mesmo contato com marginais e com a esfera econômica mais baixa, trazendo todos estes aspectos culturais à sua literatura, ora palavras, ora comportamentos daqueles os quais chegou a conhecer. Em sua obra *Los siete locos*, menciona a Buenos Aires que ele via em transformação: “*Cada vez más existencias, más edificios, más dolor. Cárceles, hospitales, rascacielos, súper rascacielos, subterráneos, minas, arsenales, turbinas, dínamos, socavones de tierra, rieles; más abajo vidas, suma de vidas*” (ARLT, 2000, p. 461).

O teórico Stuart Hall afirma que as identidades são construídas, ou seja, esta identidade pode ser ganha ou perdida pelos sujeitos (HALL, 2006, p. 21). Para Borges, o lunfardo não era um idioma, e, sim, uma mistura da língua espanhola com outros idiomas, como o galego, italiano: “*El lunfardo es un vocabulario gremial como tantos otros, es la tecnología de la furca y de la ganzúa: el arrabalero¹⁰ es cosa más grave*” (BORGES, 2008, p. 134). Sobre a aplicação da língua falada em Buenos Aires, Borges citava

En Buenos Aires escribimos medianamente, pero es notorio que entre las plumas y las lenguas hay escaso comercio. A la identidad propendemos, no al español universal, no a la honesta habla criolla de los mayores, sino a una infame jerigonza donde las repulsiones de muchos dialectos conviven y son tramposas como naipe raspado. [...] Algunos lo hacen bien, como el montevideano Last Reason y Roberto Arlt; casi todos peor. Yo, personalmente, no creo en la virtualidad del arrabalero ni en su dictadura de harapos (2008, p. 135).

Logo, percebe-se que Borges não acreditava na criação de um novo idioma provindo desta mistura de sotaques, vozes, tons. Não estava de acordo com este novo dialeto lunfardo originário dos “*arrabaleros*” por acreditar que este não conseguia trazer um sentido cultural ao espanhol já falado na metrópole. Assim, buscou outro elemento para conectá-lo à

¹⁰ Tradução minha: “Arrabaleiro”: “O que se diz de uma pessoa: Que em seu traje, costumes e maneira de falar demonstra sua má educação”. Disponível em: <<http://buscon.rae.es/drae/srv/search?id=1HIrxnsk5DXX2jRsAosj>> Acesso em: 15 março 2015

identidade cultural *porteña*, o “*compadrito*”¹¹. O autor buscava um símbolo na metrópole, algo que a identificasse. Em suas obras, a partir dos anos 20 do século XX, a busca identitária se deslocava dos pampas (*gauchos*) aos “*arrabales*” de Buenos Aires, sendo que os personagens *gauchos* de suas obras se converteram em *gauchos* da cidade grande, tendo-se assim um novo espaço e tempo. Borges, entretanto, não aceitava que se falasse que o espanhol da capital espanhola era o “*meridiano intelectual del orbe hispánico*”, frase procedente da revista *Gaceta Literaria*, logo respondeu à revista com a seguinte fala:

*La sedicente nueva generación española nos invita a establecer ¿en Madrid! El meridiano intelectual de esta América [...] Madrid no nos entiende. Una ciudad cuyas orquestas no pueden intentar un tango sin desarmarlo; [...] una ciudad cuyo Yrigoyen es Primo de Rivera; una ciudad cuyos actores no distinguen un mexicano de un oriental; una ciudad cuya sola invención es el galicismo – a lo menos en ninguna parte hablan tanto de él – una ciudad cuyo humorismo está en el retruécano; una ciudad “envidiable” para elogiar de dónde va a entendernos, ¿qué va a saber de la terrible esperanza que los americanos vivimos?*¹²

Jorge Luis Borges e Roberto Arlt e sua importância no mundo literário argentino são apenas alguns exemplos de escritores que mostraram por meio de suas obras um cenário identitário através de imagens linguísticas do povo “rioplatense”, orgulhando-se assim da história de uma gente lutadora e que compôs uma identidade por meio da mescla de sua origem, sendo o lunfardo, o tango e a literatura os principais aspectos culturais que compuseram esta identidade.

5. CONCLUSÃO

Por meio desta análise, percebe-se que as peculiaridades, as quais estão presentes no falar e na cultura *rioplatense*, demonstram a importância dos aspectos culturais que nasceram e/ou foram trazidos de fora para, assim, formar uma identidade cultural local, a qual através dos anos tornou-se reconhecida em todo o mundo, ora pelo tango de Gardel, ora pela literatura de Borges, ora pela característica linguística presente na região.

Os cidadãos “*rioplatenses*”, por meio de sua história, a qual pode ser considerada um percurso de vitórias e conquistas, tiraram da tristeza dos imigrantes o tango, dos “*arrabales*” o

¹¹ Tradução minha: “*Compadrito*”: “*Compadrito* é um termo que designa na Argentina e no Uruguai e na área do Rio da Prata a tipo social popular e suburbano que apareceu na segunda metade do século XIX [...] Se referia ao jovem de condição social modesta que habitava as margens da cidade”. Disponível em: <

<http://lexicoon.org/es/compadrito>> Acesso em: 15 março 2015

¹² Ángela Di Tullio, “*El idioma de los Argentinos: Cultura y discriminación*”. Disponível em: <<http://www.lehman.cuny.edu/ciberletras/v06/bordelouis.html>> Acesso em: 16 março 2015

lunfardo, dos “*gauchos*” a literatura, sendo hoje em dia um povo orgulhoso de suas raízes, mostrando ao mundo que a miscigenação de raças lhes proporcionou uma identidade própria, visto que esta identidade que possuem é uma amostra de mudanças e aceitação do novo que através da mescla deu origem à cultura identitária dos cidadãos “*rioplatenses*”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARLT, Roberto. *Las Aguafuertes Porteñas*. Buenos Aires: ECA, 1981. pp. 147-148.
- BORGES, Jorge Luis. *El idioma de los argentinos*. Madrid: Alianza Editorial, 2008
- DELLEPIANI, Antonio. *El idioma del delito, contribución al estudio de la psicología criminal*. Buenos Aires: Cia. General Fabril Editora, 1984.
- GOBELLO, José. *Nuevo diccionario lunfardo*. Buenos Aires, Corrigidor, 1998.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HERNÁNDEZ Berrío, J. *El Lunfardo, Taller de Lenguaje*. Universidad de Antioquia, Medellín, 2004.
- MOURIK, Laurens Van. *El Estatus del Lunfardo: El avance de un argot*. Barcelona: 2011. pp. 1-38. Disponível em: <http://dspace.library.uu.nl/handle/1874/205301>. Acesso em: 10/03/2015
- PIAZZOLLA, Astor. [Entrevista a Carlo Piccardi]. In: _____. (Comp., intérp.) *Adiós, Nonino: El Concierto de Lugano, interpretado por El Quinteto de Astor Piazzolla*. [1983, p. 3.]
- SALAS, Horacio. *El Tango*. Buenos Aires: Editorial Planeta, 1986.
- TRADUÇÃO, Translatio. *Lunfardo y Portugués*. 2013. Disponível em: <https://translatiotraducao.wordpress.com/2013/10/14/lunfardo-y-portugues/>. Acesso em: 15/03/2015
- WEINBERG, María Beatriz Fontanella de. *El español de la Argentina y sus variedades regionales*. Buenos Aires: Edicial, 2000.
- WEINBERG, María Beatriz Fontanella de. Sistemas pronominales de tratamiento usados en el mundo hispánico. In: DEMONTE, Violeta; BOSQUE, Ignacio. *Gramática Descriptiva de la Lengua Española*. Espanha: Espasa Calpe, 1999.

Recebido em 01/09/2015.

Aceito em 25/09/2015.